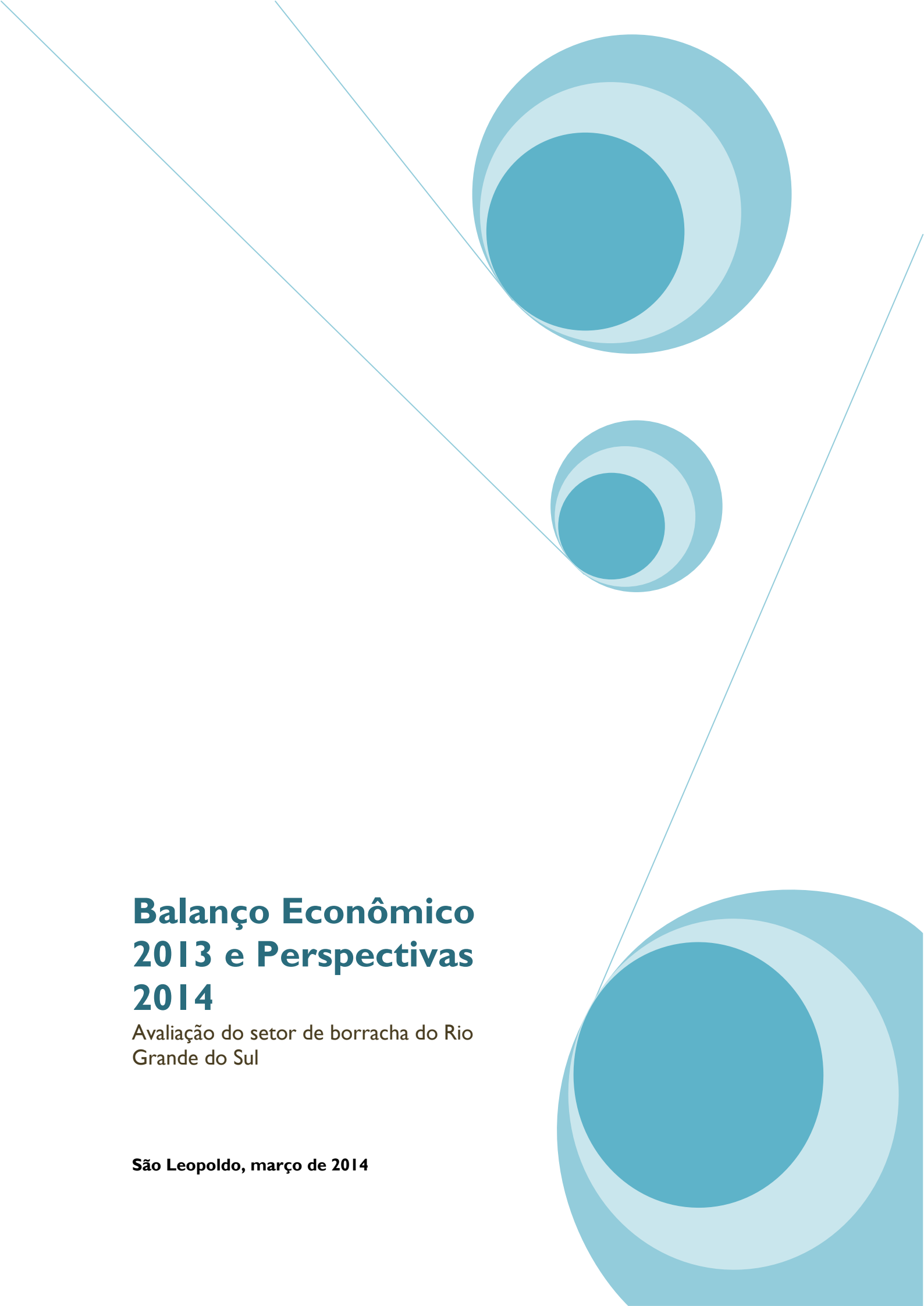




Balanço Econômico 2013 e Perspectivas 2014

Avaliação do setor de borracha do Rio
Grande do Sul

São Leopoldo, março de 2014



1. Sumário Executivo

2. A economia brasileira em 2013

- ***O setor de borracha no contexto nacional***

3. O Rio Grande do Sul em 2013

- ***O setor de borracha gaúcho***

4. Perspectivas



SUMÁRIO EXECUTIVO

A avaliação da economia brasileira em 2013 pode ser feita a partir de dois momentos, coincidindo com o primeiro semestre e, o segundo, a partir de julho. Ou então, definindo como ***pré e pós-manifestações*** durante a Copa das Confederações.

Entre janeiro e junho a atividade econômica já havia iniciado um período de aceleração, trazendo pressões inflacionárias que resultaram em mudança da Política Monetária. Até esse momento os problemas estavam no âmbito econômico. Porém, a partir de julho o ***cenário político*** se deteriorou, ficando inevitável antecipar o embate eleitoral.

A maneira como o ano de 2013 se encerrou é o pano de fundo da avaliação prospectiva de 2014. Pouca ou nenhuma mudança é esperada na Política Econômica em um ano eleitoral. Nesse caso, as surpresas pelo lado real são mínimas, com crescimento baixo, em torno de 2%, conjugado com ***pressões inflacionárias*** e juro maior que 2013. Além disso, a Balança de Pagamentos deve permanecer em desequilíbrio, mas sem ser a principal causa para mudanças estruturais no câmbio.

As maiores surpresas podem vir do cenário político e vão desde a escolha do candidato governista às ***eleições presidenciais***, passa pelo risco de manifestações durante a Copa e pode ter outra configuração entre outubro e novembro.

No ***Rio Grande do Sul*** não deve ser diferente do cenário nacional. Após um ano de crescimento “via São Pedro”, a economia deve perder dinâmica em 2014 com as restrições a investimento e consumo. Também há expectativa negativa no ambiente internacional, seja com crescimento menor de nossos principais parceiros comerciais ou com restrições a importações que podem dificultar a atividade exportadora.

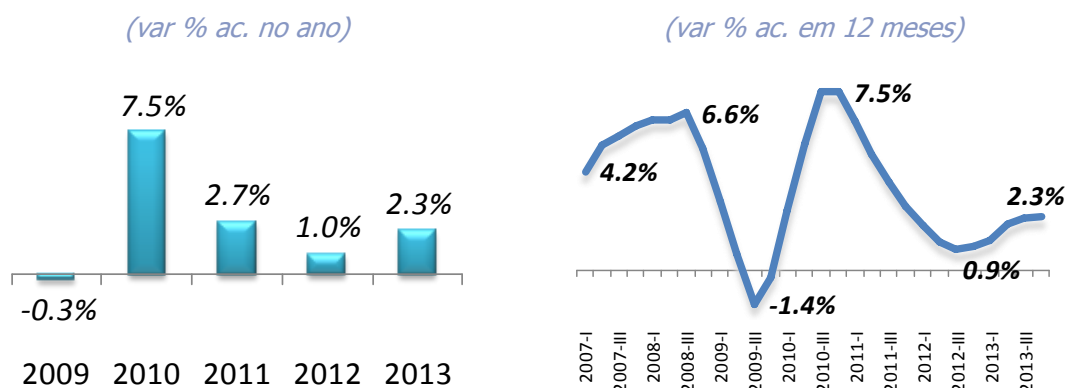


A ECONOMIA BRASILEIRA EM 2013

Apesar do crescimento do PIB no ano passado ter decepcionado a maioria de analistas de mercado o fato é que o resultado sinaliza que a economia brasileira voltou a desempenhar de acordo com sua **média histórica**, que se situa entre 2,5% e 3% ao ano.

Em uma avaliação cíclica¹, onde esses movimentos de longo prazo são mais úteis para identificar tendências, pode-se notar que, após a desaceleração de 2010 e a sua reversão ao final de 2012, o crescimento se mostra mais tímido e com perspectiva de se estabilizar.

Evolução do PIB do Brasil



Fonte: IBGE

Dentre os fatores que conduziram a economia brasileira para esse resultado figuram mais aqueles relacionados ao ambiente interno do que externo. No **cenário internacional** dois elementos se destacaram de forma negativa para o Brasil em 2013: (i) o aumento da volatilidade nos mercados financeiros decorrente da expectativa de mudança da política monetária do Banco Central dos EUA e que tiveram impacto sobre a aversão a risco de países emergentes; (ii) a desaceleração econômica nos emergentes e, em especial na China, com consequente impacto sobre o preço das commodities.

¹ Nesse caso a avaliação da variação percentual em 12 meses é bastante útil.



A despeito desses riscos iminentes, não se configura no ambiente externo uma crise disseminada tal qual no período 2008-2009. Ou seja, é natural imaginar a influência de fatores específicos em determinadas regiões, como uma crise localizada na Argentina, problemas políticos na Rússia ou financeiros no Leste Europeu, mas o potencial desses impactos sobre a economia brasileira ocorre mais pela *ausência de ações* nos anos anteriores que pudessem blindar o País para o momento que ocorressem esses choques. É nesse sentido que o processo recente de desequilíbrio macroeconômico no Brasil se deu mais por fatores internos.

De maneira geral, sem a intenção de esgotar o tema, podemos destacar seis fatores determinantes: (i) maiores pressões inflacionárias com impacto negativo sobre a renda real; (ii) início do processo de aumento da taxa de juros com consequente impacto sobre o *sentimento de consumidores* (influenciando a decisão de gasto) e investidores; (iii) continuidade da piora das contas públicas e especulações sobre uma possível revisão de nota de risco do País²; (iv) deterioração na Balança de Pagamentos que, juntamente com as manifestações em meados do ano, acabou por impor viés de desvalorização no câmbio; (v) mais intervenção do Governo na economia, seja do lado fiscal, em contratos ou na determinação de preços o que contribuiu para aumentar a incerteza dos agentes econômicos e potencializar o risco País; (vi) deterioração do cenário político com consequente aumento da volatilidade no preço de ativos, como juros, câmbio e ações.

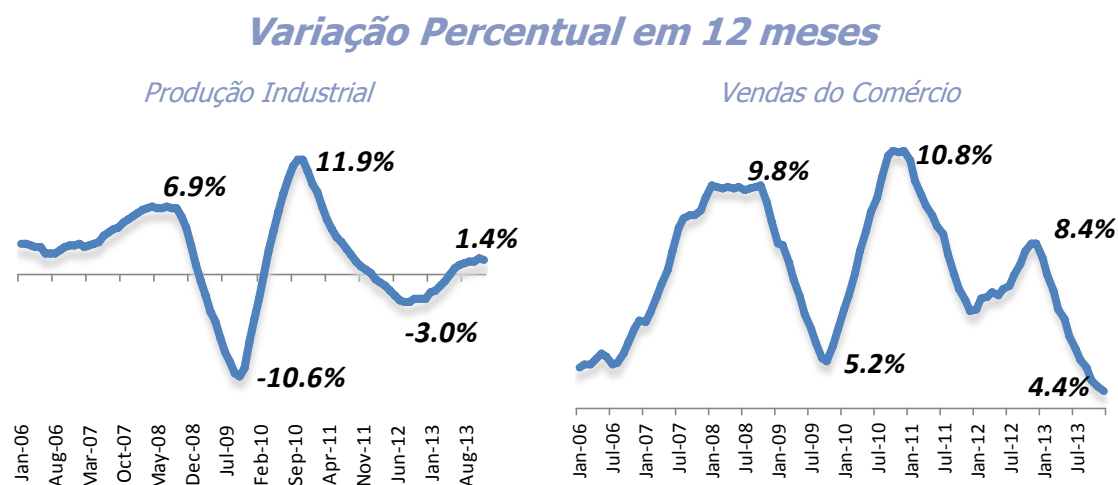
A despeito de se apontarem diversos elementos do lado financeiro que foram determinantes no cenário de 2013, o fato é que, do ponto de vista da economia real, é nítido o processo de perda de dinamismo do modelo macroeconômico lastreado no *consumo das famílias*. A resposta está na menor taxa de crescimento desse consumo, que representa cerca de 2/3 do PIB e, no ano passado, foi 1 ponto percentual a menos que 2012.

² Note que essa análise é feita com base em um cenário de 2013, quando a revisão da nota de risco era uma possibilidade que posteriormente, em 24 de abril de 2014, veio a se materializar.



Dentre os fatores que podem explicar essa pior performance das famílias está, principalmente, na menor dinâmica do emprego. Com a taxa de desemprego perto de seu patamar mínimo, o mercado de trabalho ficou mais apertado. Nesse caso, com pouco espaço para o avanço das contratações, qualquer movimento de expansão econômica tem como resultado pressões nos salários. No início desse processo, em meados de 2010, havia ociosidade na economia que permitia absorver maior crescimento com *pressões nos salários* sem que esses representassem impacto negativo sobre os índices de preços ou perda de competitividade, em especial na indústria.

Porém, na medida em que o mercado de trabalho se tornou mais apertado e a ociosidade na economia desapareceu, os reflexos sobre os preços se tornaram mais consistentes, em especial em um segmento onde a concorrência é menor e há baixa produtividade como os serviços. Assim é que a *renda real foi perdendo dinâmica* e, com isso, a massa de salário se estabilizou.



Fonte: IBGE. Comércio Varejista.

Mesmo diante desse arrefecimento o consumo continuou a crescer devido, principalmente, à percepção de estabilidade no emprego e a facilidade na obtenção de crédito. É o que denominamos de segurança de renda. Só que esse crescimento ocorre, a cada período, a uma taxa menor, como revelam as *vendas do comércio*, que terminaram o ano de 2013 em 4,4%, se



configurando na menor dos últimos dez anos. No caso da indústria, após ligeira recuperação diante dos resultados ruins de 2012, o ano passado se encerrou sinalizando estabilidade nessa taxa de crescimento.

Vale destacar que o número agregado para a indústria esconde a realidade de um setor que sofre com a **baixa produtividade** e de uma Política Industrial ineficiente e inconsistente. Não há previsibilidade nas regras tributárias, subsídios e a definição de uma meta de longo prazo.

Tal qual nos anos anteriores, os resultados para o setor industrial se mostraram bastante heterogêneos. A indústria extrativa mineral caiu 4,1% configurando o segundo ano consecutivo de queda. Essa se contrapôs ao aumento de 1,5% na **indústria de transformação**.

Contribuição Setorial para o Crescimento da Indústria

(em ponto percentual – 2013)

Positiva		Negativa	
Refino de petróleo e álcool	0,52	Indústrias extrativas	-0,24
Máquinas e equipamentos	0,44	Bebidas	-0,15
Veículos automotores	0,70	Edição e impressão	-0,40
Outros equip. de transp.	0,22	Farmacêutica	-0,40
Subtotal	1,88	Subtotal	-1,19
Total	2,60	Total	-1,45

Fonte: IBGE

Nesse caso, setores importantes contribuíram para esse resultado, como o Refino de Petróleo com crescimento de 7,4% (óleo diesel e gasolina automotiva), Máquinas e equipamentos com 6,1% (máquinas para trabalhar matéria prima e para fabricar pasta de celulose) e veículos automotores com 7,6% (caminhão-trator, reboque e semirreboque e caminhões). Destaca-se que apenas esses **três segmentos** contribuíram com 1,66 pontos percentuais dos 1,2% de crescimento no ano em toda a indústria, o que mostra o quanto foi **concentrado** esse resultado no ano passado.

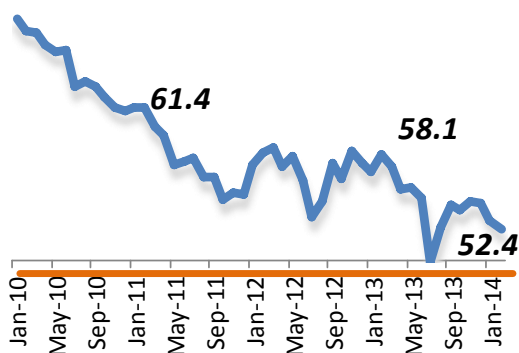
Por outro lado as piores contribuições vieram da indústria farmacêutica com -9,8% (medicamentos) e -0,4 ponto percentual no resultado final e de



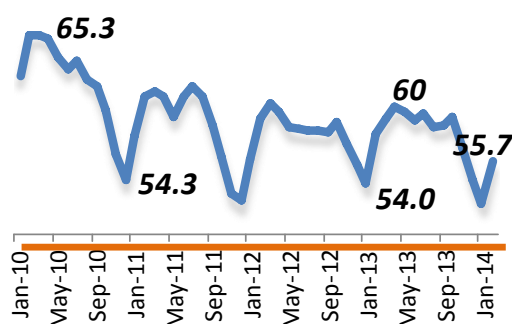
Edição, Impressão e Reprodução com -10,2% (livros e jornais) e também com contribuição negativa de 0,4 pontos percentual.

A despeito do resultado positivo na indústria em 2013 as **pesquisas de confiança** mostram que o empresário industrial está no menor nível de confiança desde a crise de 2009 e a expectativa de demanda se mantém praticamente estável, um resultado que se contrapõem ao verificado em igual período do ano passado. O ponto de destaque é que a confiança é fator importante para impulsionar os investimentos no setor.

Índice de Confiança do Empresário Industrial

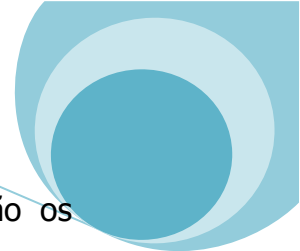


Sondagem Industrial – Expectativa de Demanda



Fonte: CNI

Diante do exposto fica claro que, atualmente, o **cenário macroeconômico prospectivo** em muito se diferencia do desenhado no início de 2013. Em primeiro lugar, a inflação se mostrou mais resistente que o esperado, e contribuiu para deprimir, ao longo do ano passado, a evolução da renda real. Nesse caso, a perspectiva é que esse resultado se mantenha ao longo de 2014, em especial com a realização da Copa do Mundo em meados do ano, e que deve gerar mais pressões inflacionárias no setor de serviços. Em destaque o fato de que a Política Monetária ainda não produziu os efeitos esperados sobre os índices de preços e deve continuar o aperto durante o primeiro semestre de 2014.



Outro fator de destaque na mudança do cenário prospectivo são os *indicadores de confiança*. Esses passaram de positivos, no início do ano passado, para tendência negativa, no caso do ICEI – Índice de Confiança do Empresário Industrial, ou então se estabilizaram, como é o caso da expectativa de demanda. Nesse caso, é esperado que essa menor confiança tenha reflexo negativo sobre o investimento durante o ano de 2014. Soma-se a esse o maior nível da taxa de juros, que aumenta o custo de capital, de um lado, e os custos financeiros para os consumidores de outro.

Em março de 2013 a *Selic* estava em 7,25% e o processo de elevação da mesma ainda não tinha iniciado. Desde então os *juros aumentaram* mais de 3,5 pontos percentuais e com sinalização de continuidade até meados do ano de 2014. Ou seja, ainda há impactos negativos sobre a atividade produtiva que devem vir do aumento de juros no primeiro semestre.

Sendo assim, a composição do crescimento da economia brasileira no ano deve ser bem diferente da verificada em períodos anteriores. De um lado o consumo das famílias perde dinâmica e, apesar de uma expectativa de crescimento da ordem de 2%, deve ser o menor resultado desde 2003. Outro componente pela ótica da demanda são os investimentos. Esse encerrou o ano de 2013 em 18,4% do PIB e, em um cenário de juros elevados e *maiores incertezas* com o rumo da Política Econômica em ano eleitoral, é natural esperar uma taxa mais baixa de investimento.

Por outro lado, a única componente que deve dar contribuição positiva para o PIB em 2014 são os Gastos do Governo. A avaliação histórica mostra que em anos de eleição presidencial, esse se mantém elevado. O que leva a crer que qualquer *ajuste fiscal*, tal como apresentado pelo Governo Federal em Fevereiro de 2014, deve ficar para 2015. Por fim tem-se o setor externo. Nesse, a expectativa é que, na melhor das hipóteses, se tenha um equilíbrio com os resultados de 2013, com as exportações crescendo na mesma magnitude das importações e o IED se mantendo estável. Isso porque a perspectiva no *cenário internacional* é de um crescimento menor e, com desempenho mais fraco no cenário interno, as importações perdem dinâmica.



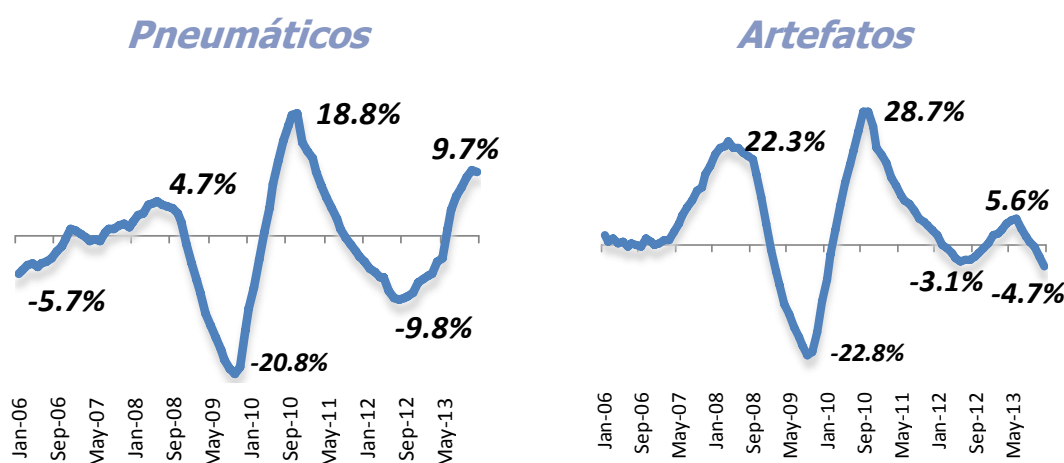
Sendo assim, na ausência de choques positivos para o ano, a projeção de PIB é de um resultado similar ao verificado no ano passado, mas com continuidade das pressões inflacionárias, arrefecimento do mercado de trabalho e desequilíbrios no setor externo. **A preocupação maior** recai sobre o desenho macroeconômico do País na entrada de 2015, o que irá depender do resultado das eleições e da configuração do novo Governo com a proposta de Política Econômica. A necessidade de ajustes no campo fiscal e no Balanco de Pagamentos, além dos choques negativos esperados com o aumento de juros nos EUA, e a necessidade de enfrentar as pressões inflacionárias, serão os maiores desafios para o próximo ano.

• ***O Setor de Borracha no Contexto Nacional***

O resultado negativo do ano de 2012 para o setor no cenário nacional foi revertido em 2013, porém tal como verificado na média da indústria, com performance diferente entre o segmento de Pneumáticos e Artefatos.

Evolução da Produção Industrial

(var % ac. em 12 meses)



Fonte: IBGE

A explicação desse resultado heterogêneo foi o desempenho da **cadeia produtiva**. Por exemplo, a continuidade do crescimento da produção de



veículos automotores, impulsionou o fornecimento de pneus para automóveis, caminhões e ônibus. De outro lado, produtos como correias, juntas e demais itens relacionados a borracha vulcanizada, e que estão na produção de Artefatos, reverteu o resultado positivo que apresentava até meados do ano, terminando 2013 no negativo.

Se de um lado a produção nacional de Pneumáticos mostrou recuperação em relação ao verificado em 2012, por outro, as **exportações** não tiveram a mesma performance. Quando medido em dólares, essas tiveram queda tímida de 2,8%, mesmo em um cenário de câmbio mais desvalorizado. Já no caso dos Artefatos de borracha tanto a produção (-4,7%) quanto as exportações (-4,1%) mostraram retração no ano passado, a primeira queda desde a crise de 2009. Já as exportações de matéria-prima despencaram 21%, com o total exportado voltando ao patamar de 2010.

Evolução das Exportações no Setor de Borracha

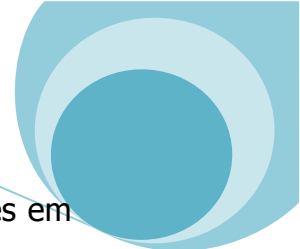
(em US\$ milhões)



Fonte: SECEX

No agregado, as exportações do setor de borracha no cenário nacional tiveram uma retração de 6,8% em 2013, impulsionadas principalmente por matérias primas. Em valores essa queda representou um faturamento menor de US\$ 162 milhões, colocando as mesmas em US\$ 2,2 bilhões.

Como a **taxa de câmbio** se desvalorizou 10% entre 2012 e 2013, passando de uma média de 1,95 para 2,16, uma correta avaliação desses

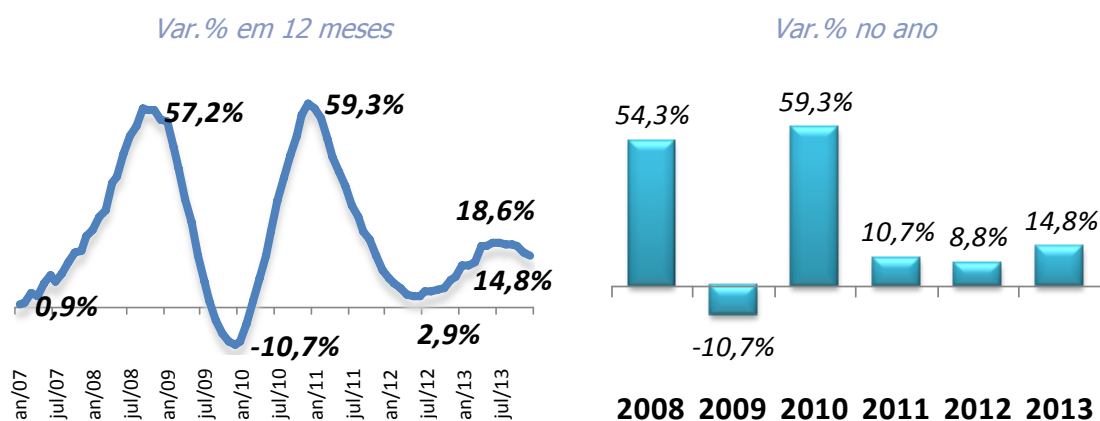


resultados prescinde de identificar como foi o faturamento das exportações em reais. Nesse caso, também é retirado o efeito da inflação (IPCA) no período.

Assim posto, a queda de 6,8% nas exportações do setor quando medidas em dólar se converte em um ligeiro crescimento de 2,5%. Destaca-se que a mudança entre um resultado negativo para positivo também é verificada no **segmento de Pneumáticos**, passando a uma expansão de 7% no faturamento em reais e também para Artefatos com 4,6%. Por outro lado, como a queda nas exportações de matéria prima foram significativas, mesmo a desvalorização da moeda não foi suficiente para impedir uma queda do faturamento em reais com as exportações.

O **consumo aparente** de borracha aumentou, em 2013, 14,5%. De um lado a produção cresceu 1,4% e a quantidade exportada caiu 4,3%. Sendo assim, o que deu sustentação ao aumento do consumo aparente foram as maiores importações, com alta de 10,2% no período.

Consumo Aparente de Borracha



Fonte: IBGE/Funcex. Cálculos próprios.

Destaca-se que desde 2004 que a quantidade importada cresce mais que a quantidade exportada e também mais que a produção. Entre 2003 e 2013 podemos ver que a **quantidade exportada** aumentou 47%, a produção 14% e a quantidade importada 254%.



Ao comparar o cenário brasileiro atual com o verificado um ano atrás pode ver que o sentimento do empresário do setor se modificou significativamente. Por exemplo, no início de 2013 apesar do *indicador de confiança* sinalizar estabilidade em 50 as expectativas estavam elevadas, perto de 66, o que representava otimismo. Na composição de ambos os indicadores no índice de confiança, podemos ver que essa se situava em 60.

Desde então a deterioração dessa confiança foi nítida, em especial com as expectativas. Isso porque a percepção do *cenário atual* já se encontrava em patamar baixo. Como resultado, a confiança do empresário do setor, medida pelo ICEI, está no menor nível desde 2010, refletindo a piora no cenário macroeconômico, em especial com o comportamento da inflação, elevação dos juros e também com o ambiente político.



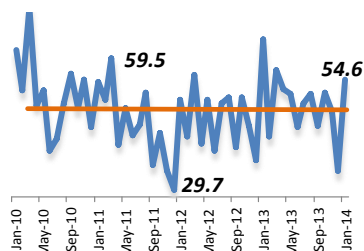
Fonte: CNI

Ao avaliar esse sentimento na Sondagem a perspectiva é de que a produção permaneça praticamente estável, o que corrobora com a sinalização de um nível de estoques efetivos em relação ao planejado na média dos últimos três anos. Ou seja, a produção não deve aumentar de forma significativa em um ambiente onde espera-se uma demanda menor e os estoques estão apenas ligeiramente acima do planejado.

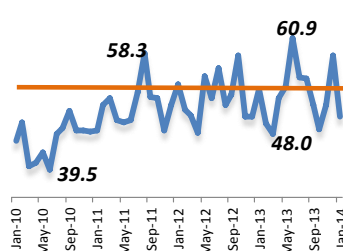


Sondagem do Empresário Industrial do Setor de Borracha

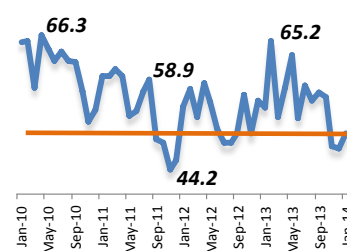
Expectativa de Produção



Estoques efetivo/planejado



Expectativa de Demanda

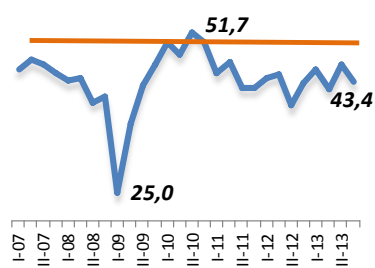


Fonte: CNI

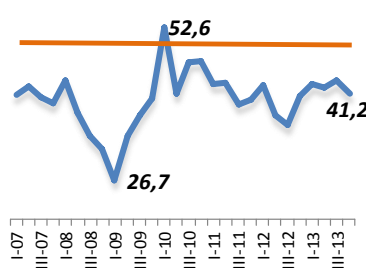
Corroborando com essa percepção de piora relativa no cenário macroeconômico e que encontra respaldo no setor, a Sondagem também revela uma deterioração em **questões microeconômicas**. Nesse caso, destaque para a situação financeira, onde o indicador se mantém próximo ao nível de 43, sinalizando pessimismo. A piora na percepção do lucro operacional e a dificuldade de acesso ao crédito também são apontados como problemas no setor, o que está em linha com o desaquecimento da atividade e o aumento recente nas taxas de juros.

Sondagem do Empresário Industrial do Setor de Borracha

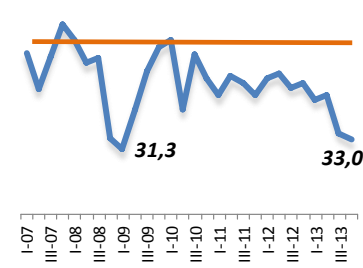
Situação Financeira



Lucro Operacional



Acesso ao Crédito



Fonte: CNI

Em suma, os **resultados de 2013** no setor acompanham a média da indústria. De um lado, o segmento de Pneumáticos teve forte aumento da produção, puxado pela boa demanda na cadeia produtiva, mas que não foi



acompanhado pelos resultados das exportações. De outro, o segmento de Artefatos e matéria prima amargaram números negativos, tanto na produção quanto nas exportações.

Em uma perspectiva para 2014 o *empresário se mostra mais pessimista*, tanto no que diz respeito ao seu negócio quanto com o ambiente macroeconômico. Especificamente no segmento de Pneumáticos essa percepção está em linha com a retirada de estímulos fiscais na cadeia produtiva e que devem contribuir para reduzir a demanda por produtos de borracha. O maior pessimismo aliado a queda da demanda e estoques alinhados deve retardar investimentos no setor com impactos na produção e no mercado de trabalho.



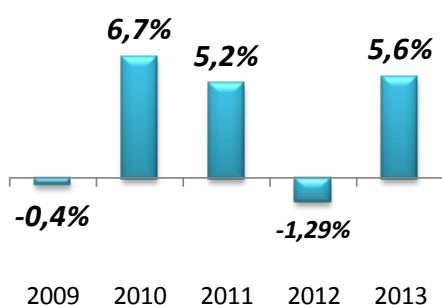
O RIO GRANDE DO SUL EM 2013

O forte crescimento da economia do Rio Grande do Sul no ano de 2013 chama a atenção não só pela magnitude, mas também por se configurar em um resultado *bem acima da média nacional*. Na história contemporânea do Estado uma diferença dessas aconteceu apenas em três oportunidades.

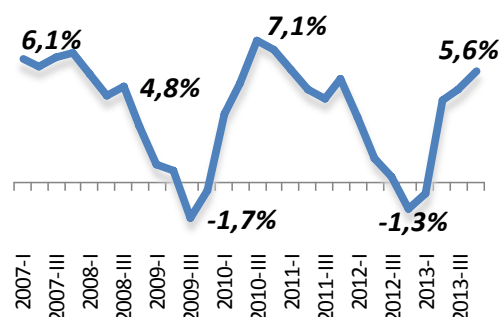
Em 1997 o PIB no Rio Grande do Sul cresceu 5,9% contra 3,4% do Brasil. Nesse caso, o que explica boa parte dessa diferença foi o desempenho da indústria, que cresceu 9,7% no Rio Grande do Sul contra 4,2% na média nacional. Tal diferença no PIB voltou a se repetir em 2011, quando o Rio Grande do Sul cresceu 5,1% e o Brasil apenas 2,7%. Dessa vez a explicação ficou por conta da *agropecuária*, com 18,7% de expansão no Estado Gaúcho e apenas 4,6% no Brasil. E, por fim, em 2013, quando o PIB do Estado cresceu 5,6% e o do Brasil 2,3% a explicação dessa significativa diferença voltou a ser a agropecuária, que cresceu 39% no Estado e apenas 6,4% no Brasil.

Evolução do PIB do Rio Grande do Sul

(var % ac. no ano)



(var % ac. em 12 meses)



Fonte: IBGE/FEE

Assim, em uma análise dos últimos 18 anos, em apenas três o Estado teve resultado tão acima da média nacional, ou seja, o que se viu em 2013 não é um evento natural. Em todos os demais anos se verificou semelhança na taxa de crescimento, com o Brasil apresentando uma média de 2,78% ao ano e o Rio Grande do Sul 2,52%. Outro ponto a destacar é que a agropecuária



consegue explicar não só os momentos em que o PIB do Estado despenca, mas, também, quando ocorre o inverso.

Em 2013 o aumento de 92% na *produção de soja* acrescentou o equivalente a 6 milhões toneladas sobre a safra de 2012, que já havia sido uma das menores desde a seca de 2004/05 e derrubado o PIB do Rio Grande do Sul. Dentre os maiores produtores nacionais, apenas o Paraná teve resultado semelhante, com a produção de soja passando de 10,9 milhões de toneladas em 2012 para 15,9 milhões de toneladas em 2013. No caso do Arroz, outra importante cultura para o Rio Grande do Sul, e também o maior produtor nacional, o resultado foi mais estável, com crescimento de apenas 2,5% sobre a safra de 2012.

Diante do exposto, fica nítido que a agricultura foi o principal vetor de crescimento do Estado em 2013, respondendo por *mais da metade* dos 6% do Valor Adicionado e pode ser classificado como “PIB de São Pedro”. Com os impactos positivos que a mesma produziu na renda nos municípios, especialmente dentre os que são voltados para a produção de soja, era natural também esperar uma boa performance para o setor de serviços.

De fato, o resultado do *comércio*³ com crescimento de 4,2% e de transporte e armazenagem com 6,7% foram as duas atividades que mais contribuíram para a expansão de 3,2% no setor de serviços no ano de 2013 no Rio Grande do Sul. Ambas também cresceram mais no Estado do que na média nacional, onde o comércio teve expansão de apenas 2,5% e transporte e armazenagem 2,8%. No total, o setor de serviços cresceu, na média do Brasil, apenas 2,1%.

Vale destacar que esse não é um resultado isolado. Entre 2003 e 2013 o PIB do Comércio cresceu a uma taxa média de 3,4% ao ano, contra 2,8% em média no Brasil. Porém, ao avaliar o comportamento mais recente dos dados de vendas do comércio para o Estado, se pode notar uma *tendência de desaceleração* e que está em linha com as perspectivas nacionais em um

³ Vale destacar que a metodologia que embasa o PIB do comércio distorce na medida em que não considera a atividade de empresas menores, muito mais presentes em pequenos municípios.



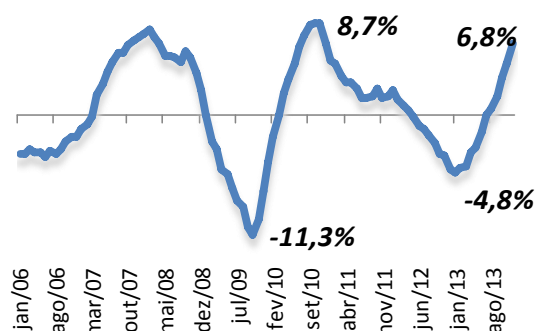
ambiente de inflação pressionada e consumidor endividado e que reduz a renda real além do já citado fator de menor dinâmica do emprego.

O que mais chama a atenção na **decomposição do PIB** do Rio Grande do Sul no ano passado é a baixa performance do setor industrial. E não é um ano isolado onde acontece isso, é um comportamento histórico. Entre 2003 e 2013 o PIB industrial total, que contempla além da indústria de transformação também a atividade extrativa, construção civil e serviços de utilidade pública, cresceu a uma taxa média de 1,2% ao ano, contra 1,4% na média do Brasil.

Mas, tanto quanto se analisa o resultado do Estado quanto o nacional é possível ver uma forte **heterogeneidade dentro do setor**. Por exemplo, enquanto a média da indústria total foi de 1,2% ao ano, na Construção Civil essa foi de 2,5% (2,7% para Brasil) e, na indústria de transformação, de apenas 0,7% (0,8% na média do Brasil).

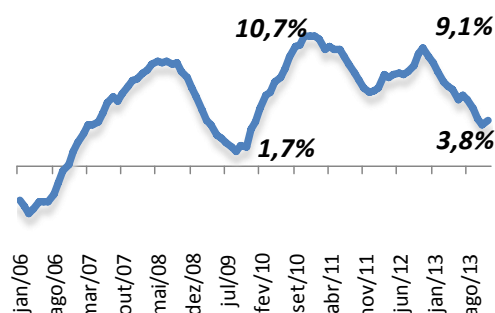
Produção Industrial

(var % ac. em 12 meses)



Vendas do Comércio

(var % ac. em 12 meses)



Fonte: IBGE

Na avaliação da produção industrial em 12 meses o resultado para o Rio Grande do Sul aponta para a reversão do ciclo de alta. Nada mais natural crescer após uma retração, como foi o ano de 2012. Da mesma forma que é esperado um **arrefecimento na atividade** após um forte crescimento. Por outro lado, as vendas do comércio apresentam a mesma tendência de desaceleração verificada no cenário nacional.



Em um exercício de previsão para o comportamento do PIB do Rio Grande do Sul no ano de 2014 é muito importante *avaliar três aspectos*. Primeiro como se comportará a safra de grãos, em especial soja e arroz. Em segundo lugar a perspectiva do setor externo, seja via maiores parceiros comerciais ou taxa de câmbio. E, em terceiro, o cenário macroeconômico interno.

As *projeções de safra da Conab* para o Rio Grande do Sul apontam 12,3 milhões de toneladas para a soja, uma queda de 1,7% sobre a safra de 2013, e 8,4 milhões para o Arroz com expansão de 6,6%. Como pode ser visto, não há mais espaço para expansão da safra de grãos na mesma magnitude da verificada no ano passado, isso porque a mesma já atingiu o patamar máximo. Portanto, na ausência de surpresas negativas, a expectativa é um resultado da agropecuária em linha com a média histórica.

No caso do setor industrial o cenário macroeconômico de 2014 coloca em perspectiva dois tipos de restrições para a continuidade do resultado do ano passado. O primeiro, relacionado ao ambiente internacional, tem como foco as dificuldades nas exportações para os *principais parceiros comerciais*, em especial para a Argentina e EUA, destino importante de produtos manufaturados. E, com o câmbio permanecendo no atual patamar de 2,35, em pouco deverá influenciar na competitividade das exportações. Sendo assim, do lado da demanda externa não são esperados choques de natureza positiva.

Por fim, há importantes restrições no ambiente nacional. Como salientado na discussão sobre o cenário Brasil, o ano de 2014 se inicia com juros ainda em elevação e que deve limitar as decisões de investimentos, especialmente em ano eleitoral. E o impacto no setor no Estado deve ser direto, uma vez que boa parte da composição do PIB industrial está relacionada à indústria de *bens de capital*, como máquinas e equipamentos, veículos automotores e materiais elétricos e eletrônicos. Outros fundamentos, que outrora eram positivos, podem contribuir de forma negativa durante esse ano, como a inflação maior e restrições na demanda, a retirada de estímulos fiscais e as restrições de crédito.



Para complementar essa análise um bom exercício de projeção para o ano de 2014 é usar o *efeito carregamento*. Nesse caso, é assumido que o resultado dos próximos trimestres segue o verificado ao final de 2013. A base de comparação é bem elevada o que implica, pelo efeito estatístico, em menor crescimento para 2014. De fato, a projeção sinaliza para um crescimento de apenas 1% nesse ano pelo efeito carregamento. Sendo assim, se não ocorrer choques positivos na economia local, o crescimento do PIB no ano deve ficar perto do nacional, em torno de 2%.

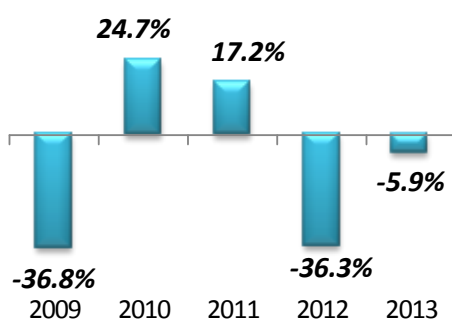
• *O Setor de Borracha no Rio Grande do Sul*

Os resultados para o setor de borracha no Rio Grande do Sul corroboram com o verificado na média para o Brasil. De um lado o faturamento teve uma expansão de 39% no ano de 2013, se configurando não apenas no melhor resultado histórico para essa variável, mas também *superando a média nacional*. Destaca-se que esse resultado seguiu-se a duas quedas consecutivas no faturamento. Com isso, a média de crescimento entre 2011 e 2013 ficou em 9,3% ao ano, acima da média histórica entre 1995 e 2013 que foi de 6,5%.

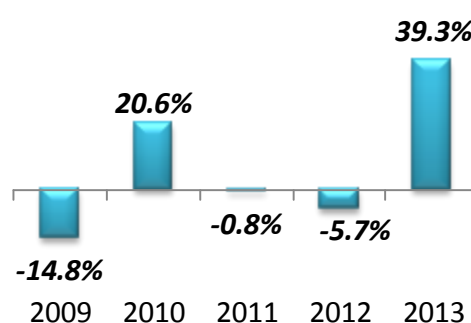
Indicadores Industriais do Setor de Borracha

(var % ac. jan-dez)

Compras Industriais



Faturamento Real



Fonte: FIERGS

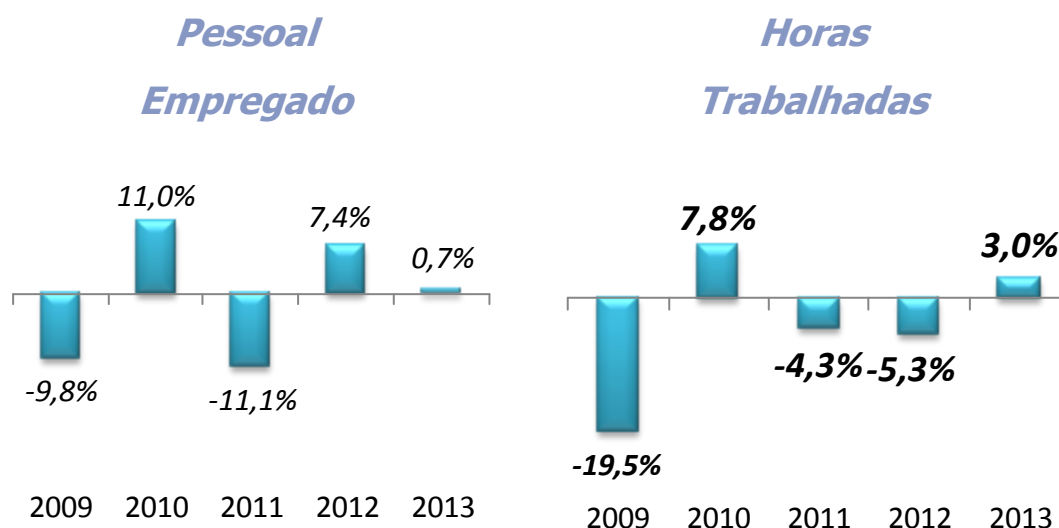


A magnitude desse resultado não foi acompanhado pelo desempenho das variáveis de mercado de trabalho. Mas essas também mantiveram variação positiva em 2013. Enquanto que o emprego teve evolução de 0,7%, as horas trabalhadas avançaram 3%, em linha com a expansão da massa de salário real, que foi de 2,9%.

Comparativamente à *média da indústria do Rio Grande do Sul* podemos ver que o setor apresentou melhores resultados em todas as variáveis, seja no faturamento, com a indústria total crescendo 8,9% em 2013, no emprego (0,5%), nas horas trabalhadas (1,8%) ou na massa de salários (2,1%).

Indicadores Industriais do Setor de Borracha

(var % ac. jan-dez)



Fonte: FIERGS

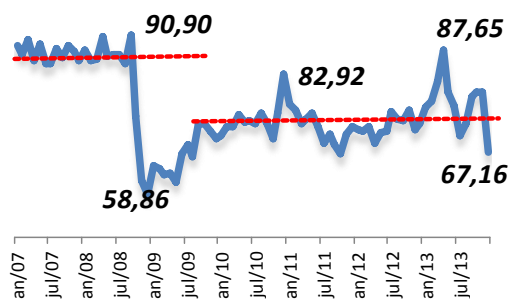
A recuperação da atividade produtiva do setor durante o ano de 2013 se reflete no nível de Utilização da Capacidade Instalada que atingiu o patamar médio de 77, o maior desde o nível de 81 que foi verificado em 2008. Apesar de ser positivo, comparativamente ao resultado da indústria total, que teve média de 82, podemos ver que a atividade no setor de borracha *ainda tem espaço* para se recuperar antes que aconteçam novos investimentos.



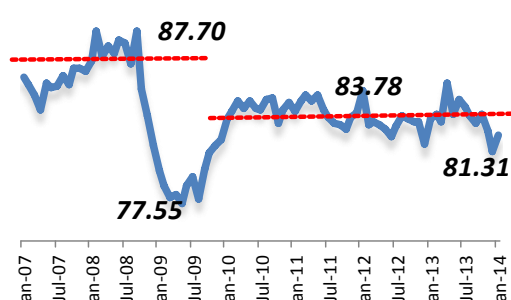
Utilização da Capacidade Instalada

(Grau médio)

Setor de Borracha



Total da Indústria



Fonte: FIERGS. Ajustados sazonalmente X-12.

Dois fatores contribuem para explicar o bom resultado do setor no ano de 2013. Em primeiro lugar, tal como no Brasil, a maior atividade econômica na cadeia produtiva representou maior **demanda por Pneumáticos**. O segundo fator está relacionado ao desempenho das exportações, também com destaque no segmento de Pneumáticos.

No total, **as exportações de borracha**, quando medidas em dólares, atingiu os US\$ 391 milhões, recuperando parte das perdas verificadas durante o ano de 2012. Uma expansão de 8,5%. Destaque para o comportamento das exportações de Pneumáticos, que representa 61% do total e cresceu 40% sobre 2012. As exportações de Artefatos, que tem menor peso na pauta do setor no Rio Grande do Sul, também tiveram crescimento no ano, de 12%. Por outro lado, as exportações de matéria prima caíram 21% e chegaram ao menor patamar desde 2010.

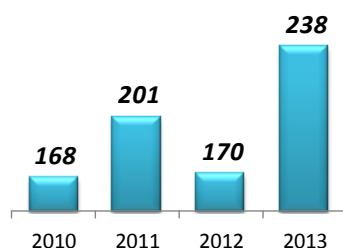
Esse resultado, **quando medido em reais**, mostra um faturamento com exportações que acrescentou R\$ 97 milhões em relação ao patamar de 2012, um crescimento de 12%. Porém, boa parte desse resultado pode ser explicada pela depreciação de 10% na taxa de câmbio.



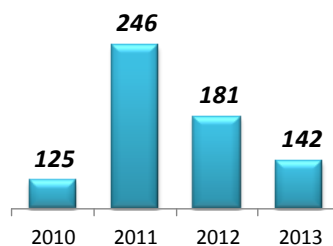
Evolução das Exportações do Setor de Borracha

(em US\$ milhões)

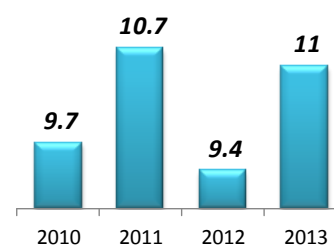
Pneumáticos



Matéria-Prima



Artefatos



Fonte: SECEX

Em suma, *o resultado setorial* no Rio Grande do Sul guarda semelhanças com o verificado na média do Brasil, como o aumento do faturamento, emprego, horas trabalhadas e massa de salários. Por outro lado, no caso do setor externo as diferenças ocorrem entre as exportações de Pneumáticos e Artefatos que no Estado tiveram bom desempenho contra uma retração na média do Brasil.



PERSPECTIVAS

O desenho macroeconômico de 2014 tem, em sua concepção, muito mais elementos no campo político do que econômico. De um lado parece bem definido o ajuste da economia brasileira a uma taxa de crescimento em torno de 2%, que deve ocorrer muito mais pelos impactos dos **gastos governamentais** em ano eleitoral, do que pelos investimentos ou consumo das famílias. Por outro, ainda há fatores de risco que podem ao mesmo tempo deteriorar essas perspectivas ou então dirimir seus prejuízos.

O que sustenta essa configuração, do lado da demanda, é a combinação de juros elevados, renda real crescendo menos, menores variações no emprego e menor disposição para crédito em um cenário de maior comprometimento da renda das famílias. **São restrições** que atingem diretamente o consumo e a atividade de Comércio. Essa percepção já se faz presente no sentimento dos consumidores e empresários e sua relação com o comportamento dos investimentos é direta.

Nesse caso há importantes elos da cadeia produtiva nacional que devem ter desempenho mais tímido e que são importantes para o setor de borracha nacional, como **veículos automotores**. De fato, com a menor perspectiva de venda de automóveis, motos e partes, além da restrição a instrumentos de financiamento de ônibus e caminhões, o desempenho de Pneumáticos, e também de Artefatos, deve ser mais tímido em 2014.

No caso do **Rio Grande do Sul** após um ano atípico, quando a recuperação da produção de soja foi o principal vetor de crescimento da economia, é natural esperar que as taxas de crescimento para o ano sejam menores.

No cenário nacional a menor dinâmica do **investimento** deve atingir diretamente importantes setores produtores de bens de capital restringindo a expansão da indústria. No setor de serviços, à exceção dos gastos públicos, que devem ter aumento em ano de eleição, a perspectiva é de menor desempenho das demais atividades, com maior arrefecimento no comércio e transporte.



No caso do *setor externo*, apesar de uma taxa de câmbio média mais desvalorizada, as dificuldades econômicas e políticas enfrentadas por dois importantes parceiros comerciais do Estado, a Argentina e a China, reduzem a possibilidade de avanço significativo nas exportações.

Os principais *fatores de risco* nesse cenário estão, no campo econômico, relacionados ao comportamento da inflação e a resposta de política monetária além do processo de deterioração da Balança de Pagamentos com o consequente impacto sobre a taxa de câmbio e a confiança de investidores.

Já no campo político, as incertezas são maiores no que diz respeito a possíveis manifestações durante o evento da Copa do Mundo e o que essas podem significar para o processo eleitoral. De qualquer forma, será um período de elevada volatilidade, em especial para ativos financeiros como juros, câmbio e ações.

Vale destacar que a *proximidade com as eleições* no cenário nacional contribui para descartar qualquer possibilidade de mudanças na condução da política econômica, ficando os principais ajustes para o próximo ano. Nesse caso a depender da configuração do novo governo a mesma pode resultar em um ajuste mais brando, com repercussões negativas, ou então, uma proposta mais ortodoxa, que contribua para restaurar a confiança dos agentes econômicos.



Perspectivas para 2014

(Indústria da Borracha do Rio Grande do Sul)

	2013	2014
Var. %		
Pessoal Empregado	0.7%	1.6%
Horas Trabalhadas	3.0%	3.7%
Faturamento	39.3%	1.4%
Compras	-5.9%	2.7%
Exportações (US\$ milhões)		
Pneumáticos	238.4	248.5
Matéria-Prima	142.4	156.6
Artefatos	10.6	10.6
Total	391.3	415.7
Exportações (var. %)		
Pneumáticos	40%	4%
Matéria-Prima	-22%	10%
Artefatos	12%	1%
Total	9%	6%